

Sindicalismo: Antes e Agora

Link: <https://www.leftcom.org/en/articles/2023-02-23/syndicalism-then-and-now>

O período entre as décadas de 1830 e 1880 viu a classe trabalhadora entrar no cenário histórico como uma classe para si mesma, propriamente dita. Essa foi a época em que os trabalhadores começaram a formar com sucesso os primeiros partidos políticos e sindicatos; foi quando a Primeira Internacional foi fundada em uma tentativa de unir as lutas políticas e econômicas da classe trabalhadora. Por outro lado, o período entre as décadas de 1890 e 1920, quando o sindicalismo surgiu, coincidiu com a transição para a fase imperialista do capitalismo. Isso não foi um acidente - a crescente centralização do capital exigia a crescente centralização do trabalho. O sindicalismo estava inerentemente associado ao processo histórico de centralização dos sindicatos locais e das sociedades de trabalhadores em federações em nível nacional. Diferentes correntes políticas participaram ativamente desse processo, em uma tentativa de unir os trabalhadores para diferentes fins. Dessa forma, o significado de sindicalismo é frequentemente contestado e difere entre os contextos nacionais. Na França, onde o termo se originou, *syndicalisme* refere-se ao sindicalismo em geral. Aqui, no entanto, o objeto de análise são as tendências chamadas de sindicalismo revolucionário, sindicalismo industrial e anarco-sindicalismo. O que diferenciava esses tipos de sindicatos, qualquer que fosse o rótulo que usassem, do sindicalismo convencional é que, com sua ênfase na ação direta e na greve geral, eles pareciam simultaneamente representar um desafio ao crescente reformismo dentro do movimento dos trabalhadores no final do século XIX e início do século XX.

A ascensão do sindicalismo

Os sindicatos sindicalistas surgiram em países onde a formação de órgãos econômicos permanentes era possível em primeiro lugar. Isso exigia uma composição específica da classe trabalhadora e, pelo menos até certo ponto, condições legais favoráveis. Por esse motivo, o sindicalismo nunca se firmou de fato em lugares como o Império Russo, onde, devido à repressão estatal, a existência de sindicatos era limitada e temporária. Em geral, a criação de sindicatos sindicalistas foi um sintoma da crescente militância da

classe trabalhadora no início do século XX, um período caracterizado por lutas de massa (os sindicalistas desempenharam papéis de liderança em eventos como a greve da porcelana de Limoges em 1905 na França, a greve dos inquilinos em 1907 na Argentina, a revolta de Barcelona em 1909 na Espanha, a greve dos transportes de Liverpool em 1911 na Grã-Bretanha, a greve têxtil de Lawrence em 1912 nos EUA e assim por diante). Em alguns países, os sindicatos sindicalistas se desenvolveram como as primeiras centrais sindicais nacionais; em outros, devido a fatores ideológicos ou regionais, eles se desenvolveram como rivais de centrais sindicais nacionais previamente estabelecidas.

- Na França, as repressões que se seguiram à Comuna de Paris de 1871 sufocaram a atividade da classe trabalhadora por uma década. Os sindicatos foram então legalizados em 1884, e as primeiras bolsas de trabalho (*bourses du travail*) foram introduzidas sob o impulso de Gustave de Molinari, um economista liberal. Esses escritórios de emprego sindicalizados gradualmente se tornaram espaços para a agitação da classe trabalhadora e, em 1892, começaram a se unir em uma Federação de Bolsas de Trabalho (FBT). Em 1895, foi fundada a Confederação Geral do Trabalho (CGT), uma central sindical nacional à qual a FBT se fundiu em 1902. Socialistas e anarquistas tiveram um papel de destaque na CGT e, especialmente sob a influência desses últimos, a *Carta de Amiens* de 1906 declarou que "fora de todas as escolas políticas, a CGT reúne todos os trabalhadores conscientes da luta a ser travada pelo desaparecimento dos assalariados e dos empregadores". A CGT tornou-se o modelo de sindicato sindicalista revolucionário.
- Na Grã-Bretanha, o status legal dos sindicatos foi estabelecido pela Royal Commission em 1867. O Trades Union Congress foi fundado em 1868, logo criando seu próprio comitê parlamentar e, a partir de 1897, transformando-se em um centro sindical nacional. A Industrial Syndicalist Education League (ISEL), que teve vida curta, foi formada em 1910 por membros da Social Democratic Federation inspirados pelas atividades da CGT francesa. Em vez de criar uma entidade sindical separada, eles defendiam a "perfuração de dentro" dos sindicatos existentes para promover práticas sindicalistas.
- Após a suspensão das leis antissocialistas na Alemanha em 1890, foi fundada uma Comissão Geral dos Sindicatos Alemães para coordenar as atividades dos

Sindicatos Livres sob a liderança do Partido Social Democrata da Alemanha (SPD). Uma corrente localista se separou gradualmente e, entre 1897 e 1903, se reorganizou como a Associação Livre dos Sindicatos Alemães (FVdG), embora tenha permanecido ligada ao SPD. No entanto, em 1907-1908, após a adoção de uma resolução apresentada por August Bebel, os membros da FVdG foram expulsos do SPD (uma decisão que teve a oposição de Rosa Luxemburgo). Isso resultou em um êxodo da FVdG daqueles que ainda queriam permanecer no SPD, mas a organização continuou a existir e tornou-se cada vez mais influenciada pelas práticas da CGT.

- Nos EUA, o status legal dos sindicatos foi estabelecido pelo caso Hunt de 1842. Uma central sindical nacional, a princípio ainda dominada por sindicatos de artesãos, foi criada em 1886 com a formação da American Federation of Labor (AFL), após uma disputa por fundos dentro da Knights of Labor. Sob a liderança de Samuel Gompers, a AFL evitou o socialismo e recusou-se a apoiar trabalhadores estrangeiros e não qualificados, afro-americanos e mulheres. Em oposição, socialistas, anarquistas e sindicalistas se reuniram em 1905 para formar uma organização rival, a Industrial Workers of the World (IWW). Em sua constituição, ela adotou a declaração de Marx de que "Em vez do lema conservador, 'Um salário justo por um dia de trabalho justo', devemos inscrever em nossa bandeira a palavra de ordem revolucionária, 'Abolição do sistema salarial'". A IWW tendia a rejeitar o rótulo de sindicalista, em favor do que chamava de sindicalismo industrial. Houve tentativas de formar filiais da IWW em outros países, principalmente, mas não apenas, anglófonos.
- Na Espanha, as sociedades de trabalhadores cresceram no período entre a "Revolução Gloriosa" de 1868, que derrubou a Rainha Isabella II, e a Restauração Bourbon de 1874. Na década de 1880, depois que o governo começou a contemplar reformas sociais com o objetivo de melhorar o bem-estar da classe trabalhadora, o espaço para a atividade sindical foi novamente aberto. A União Geral dos Trabalhadores (UGT) foi fundada em 1888 sob a liderança do Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE), mas seu crescimento restringiu-se principalmente a Madri, Biscaia e Astúrias, e em 1907 o sindicato Solidaridad Obrera foi fundado na Catalunha. Socialistas e anarquistas lutaram por influência no Solidaridad Obrera, os primeiros queriam que ele se unisse à UGT, mas os últimos tiveram sucesso quando, em 1910, o sindicato foi

transformado na Confederação Nacional do Trabalho (CNT), uma central sindical nacional rival.

- Na Itália, sindicalistas de vários matizes existiram dentro do Partido Socialista (PSI) até 1908. Arturo Labriola combateu as confusões sorelianas publicando a *Avanguardia Socialista* que, apesar do nome, refletia a considerável parcela dos membros do PSI que eram sindicalistas revolucionários. Eles foram a força motriz por trás dos esforços para unificar a ação grevista da classe trabalhadora no início do século XX. No entanto, em 1905, o conflito entre a ênfase dos sindicalistas na ação de greve concertada como veículo da mudança revolucionária e a tendência dos social-democratas de equiparar a nacionalização à socialização dos meios de produção chegou ao ápice quando uma greve geral de trabalhadores ferroviários que protestavam contra os planos de nacionalização (que incluíam a proibição de greves) foi derrotada ao custo de cinco mortes. Em 1908, quando Filippo Turati declarou o sindicalismo incompatível com o socialismo, a maioria dos sindicalistas já havia deixado o PSI. Em 1912, eles fundaram a União dos Trabalhadores Italianos (USI) como uma alternativa à Confederação Geral do Trabalho (CGL), afiliada ao PSI.
- Os investimentos de capital estrangeiro e as ondas de imigração europeia impulsionaram o desenvolvimento econômico da Argentina após a Longa Depressão de 1873. Os trabalhadores de países como Espanha, Itália e Alemanha trouxeram consigo ideias radicais e novas formas de organização, ajudando na criação das primeiras sociedades de trabalhadores. Na década de 1890, houve algumas tentativas fracassadas de criar uma federação de trabalhadores por socialistas em torno do jornal *El Obrero*, que logo fundariam o Partido Socialista dos Trabalhadores (PSOI). Finalmente, em 1901, a Federação dos Trabalhadores Argentinos (FAO), a primeira verdadeira central sindical nacional do país, foi fundada por meio de esforços combinados de socialistas, anarquistas e sindicalistas. Entretanto, já em 1903, as tensões políticas resultaram na divisão dos sindicatos mais moderados e na criação da União Geral dos Trabalhadores (UGT). Um ano depois, a FOA mudou seu nome para Federação Regional dos Trabalhadores Argentinos (FORA) e endossou o "comunismo anarquista". No entanto, na prática, a FORA continuou a trabalhar com a UGT, e várias divisões e esforços de unificação entre os dois sindicatos ocorreram nos anos seguintes.

- Outros desenvolvimentos dignos de nota ocorreram na Suécia, com a Organização Central dos Trabalhadores da Suécia (SAC), no Uruguai, com a Federação Regional dos Trabalhadores do Uruguai (FORU), no Brasil, com a Confederação Brasileira dos Trabalhadores (COB), ou na Holanda, com a Secretaria Nacional do Trabalho (NAS).

Embora inicialmente os sindicatos sindicalistas não fossem necessariamente vistos como organizações rivais da própria Segunda Internacional (cujos membros frequentemente participavam ativamente de sua criação), eles entraram inadvertidamente em conflito com a ala reformista da social-democracia, que via o sindicalismo como um desafio aos seus métodos gradualistas. Essa hostilidade apenas criou mais espaço para as perspectivas antiparlamentares e antipolíticas dentro do movimento sindicalista. Os anarquistas, que nas décadas anteriores haviam sido associados ao insurrecionalismo e a atos individuais de violência, agora estavam cada vez mais se aproximando do sindicalismo. Essa influência anarquista não significava que houvesse acordo, mesmo em questões como o papel do sindicato: embora a FORA argentina reconhecesse que "um sindicato é apenas um subproduto econômico do sistema capitalista ... preservá-lo após a revolução implicaria preservar o sistema capitalista que lhe deu origem" (*Pacto de Solidaridad*, 1904), outros geralmente queriam que os sindicatos se tornassem futuras unidades de "produção e redistribuição, a base da reorganização social" (*Carta de Amiens*, 1906), para construir "a nova sociedade na casca da antiga" (*Preâmbulo da Constituição da IWW*, 1908), ecoando as propostas de Bakunin para a Primeira Internacional, de uma associação internacional de trabalhadores em expansão que acabaria substituindo o Estado. O legado do mutualismo de Proudhon - uma orientação para o federalismo, cooperativas e sociedades de crédito mútuo - também continuou a exercer sua influência até certo ponto. Dessa forma, o movimento sindicalista representou uma união incômoda de várias perspectivas marxistas, bakuninistas e proudhonistas.

Em 1901, foi formado o Secretariado Internacional das Centrais Sindicais Nacionais (ISNTUC), ligado à Segunda Internacional. Perspectivas social-democratas, sindicalistas e reformistas entraram em conflito em seus congressos. Em resposta, em 1913, o NAS holandês e o ISEL britânico tentaram organizar um centro internacional puramente sindicalista e, para isso, convocaram um Congresso Sindicalista

Internacional em Londres. Delegados da FVdG alemã, do SAC sueco e da USI italiana participaram do congresso, assim como membros da CNT espanhola e da IWW, embora não como delegados oficiais. O congresso estabeleceu um International Syndicalist Information Bureau e adotou o boletim do sindicalista holandês Christiaan Cornelissen como seu próprio boletim. Entretanto, a CGT francesa, o maior e mais influente dos sindicatos sindicalistas, rejeitou a iniciativa, pois se recusava a abandonar a ISNTUC (que tinha milhões de membros internacionais, em vez de milhares). Com a eclosão da guerra, o movimento se dividiu ainda mais.

Guerra e revolução

A Segunda Internacional entrou em colapso diante da Primeira Guerra Mundial. Seu partido mais influente, o SPD, votou a favor dos créditos de guerra e ficou do lado de seu próprio Estado. Os principais sindicalistas, como Carl Legien, apoiaram a guerra, e a ISNTUC se desintegrou. O movimento sindicalista, apesar de suas intenções radicais, enfrentou problemas semelhantes. O International Syndicalist Information Bureau foi dissolvido. Sindicalistas importantes, como Cornelissen, passaram a apoiar a guerra, assim como uma minoria na USI italiana e uma maioria na CGT francesa.

A minoria reformista dos velhos tempos se tornou a maioria. (...) Os antigos líderes que invocavam o pensamento de Bakunin e divulgavam as fórmulas de Proudhon, que adotavam as concepções de Georges Sorel ou de Kropotkin, falam hoje no dialeto de Gompers.

Boris Souvarine, The French Syndicalist Movement (O Movimento Sindicalista Francês), 1920

No entanto, se na Segunda Internacional havia partidos que se recusavam a abandonar as perspectivas revolucionárias, partidos que, quando confrontados com a guerra imperialista, reafirmavam suas credenciais internacionalistas em vez de deixá-las de lado, como os bolcheviques russos, os Tesnyaki búlgaros, os socialdemocratas sérvios e poloneses, também havia muitas vozes internacionalistas entre os sindicalistas. Em especial, a FVdG alemã e uma minoria da CGT se opuseram à guerra, assim como a CNT espanhola e a FORA argentina (embora seus governos tenham permanecido neutros no conflito). Alguns sindicalistas, como Alexander Schapiro, assinaram o *Manifesto Anarquista Internacional sobre a Guerra* de 1915. Os sindicalistas que se opunham à guerra organizaram congressos na Espanha (El Ferrol, abril de 1915) e no Brasil (Rio de Janeiro, outubro de 1915), enquanto a minoria da CGT francesa também

participou da Conferência de Zimmerwald (que, pela primeira vez, conseguiu reunir representantes não apenas dos países neutros, mas também dos beligerantes). No entanto, Alphonse Merrheim, um dos delegados da CGT e signatário da *Carta de Amiens*, adotou uma postura pacifista na época e criticou os internacionalistas revolucionários em torno de Lênin e Karl Radek, que defendiam transformar a guerra imperialista em uma guerra de classes. Seria necessária a eclosão da Revolução Russa em 1917 para romper ainda mais o abismo que separava a ala revolucionária da social-democracia e os sindicalistas mais internacionalistas.

Na Revolução Russa, os sindicatos desempenharam um papel relativamente insignificante. Em vez disso, foram os comitês de fábrica e, especialmente, os conselhos de trabalhadores, ou soviets, descobertos pela classe trabalhadora em 1905, que ocuparam o centro do palco. Não às vésperas de uma greve geral, como teorizado pelo sindicalismo, mas por meio desses órgãos de toda a classe que se espalharam pelo antigo império entre fevereiro e outubro e guiados por seu próprio partido de classe, os trabalhadores derrubaram não apenas o czar, mas também o governo burguês de Kerensky e tomaram o poder em suas próprias mãos. No entanto, a revolução encontrou grande ressonância nos círculos sindicalistas fora da Rússia, até mesmo nos anarquistas, que viram nela o início do fim da guerra e uma refutação da social-democracia, adotando-a como sua própria. Um militante da CNT espanhola lembrou mais tarde:

Para muitos de nós - para a maioria - o bolchevique russo era um semideus, o portador da liberdade e do bem-estar geral... O esplendor da conflagração russa nos cegou... Quem, sendo um anarquista, não gostava de se chamar de bolchevique?

Manuel Buenacasa, El movimiento obrero español, 1928

A onda revolucionária desencadeada pelos acontecimentos na Rússia unificou a vanguarda do movimento operário em torno do slogan "todo poder aos soviets". Na Alemanha, o FVdG começou a reivindicar uma "ditadura do proletariado" (Karl Roche, *Was wollen die SyndikalistInnen?*, 1919) e lutou lado a lado com o recém-formado Partido Comunista da Alemanha (KPD). Mas foi somente em 1919 que a Internacional Comunista, que Lênin declarou ser necessária já em 1914, finalmente realizou seu congresso de fundação. E muitos sindicalistas se juntaram a ela:

A Internacional Comunista recrutou entre as fileiras sindicalistas - talvez sindicalistas anarquistas, mais provavelmente sindicalistas

comunistas - os elementos que sempre consideramos "os melhores" e sem os quais certas seções da Internacional Comunista não existiriam. Nos Estados Unidos, foi entre os sindicalistas (William Foster, Andreychin, Bill Haywood, Crosby), entre os socialistas de esquerda em torno do The Liberator, simpatizantes do IWW (John Reed, Max Eastman), entre os anarquistas (Robert Minor, Bill Chatov), que se encontrou a maioria de seus comunistas. Na Inglaterra e na Irlanda, foi entre os sindicalistas (Tom Mann, Jim Larkin, Jack Tanner) e no movimento dos Shop Stewards' Committees, de natureza sindicalista (Murphy, Tom Bell, etc.), que ele recrutou. Na Espanha, foi entre os sindicalistas e os anarquistas que ele encontrou Joaquim Maurín, Arlandis, Andrés Nin, Casanellas e muitos outros. Na França, finalmente, a Internacional Comunista retirou das fileiras sindicalistas aqueles que, ao lado dos novos militantes que emergiram da guerra, deveriam, de acordo com a IC, exercer influência decisiva e eliminar gradualmente a influência dos social-democratas herdados do antigo partido, do obsoleto Jaurèsismo e do nulo Guesdismo.
Boris Souvarine, expulso, mas comunista, 1925

Em 1921, em reação ao ressurgimento da ISNTUC social-democrata do pré-guerra como Federação Internacional de Sindicatos (Internacional de Amsterdã), a Internacional Comunista fundou sua própria Internacional Vermelha de Sindicatos (Profintern). A CNT espanhola e a IWW americana foram convidadas. A essa altura, entretanto, as notícias de que na Rússia Soviética nem tudo era como parecia estavam se espalhando. O Exército Vermelho havia vencido a Guerra Civil, mas a um grande custo: a autoatividade da classe trabalhadora havia se dissipado (e onde ainda dava sinais de vida, estava sendo ativamente restringida), os grupos políticos rivais eram reprimidos (inclusive os sindicalistas) e, em vez dos soviéticos, a burocracia do partido tomava todas as decisões importantes, com fome e ruína econômica por toda parte. O fracasso das revoluções na Alemanha, Hungria e Finlândia deixou a Rússia Soviética isolada e tendo que recorrer aos países capitalistas para fazer comércio. Os anarquistas que sempre foram céticos em relação ao bolchevismo encontraram nesses fatos a munição de que precisavam para reafirmar suas ideias. O fato de que o Profintern seria subordinado à Internacional Comunista foi apenas o último prego no caixão - o IWW americano se recusou a se juntar a ele, enquanto a CNT espanhola retirou sua participação em 1922, embora as minorias comunistas continuassem ativas nas fileiras de ambos os sindicatos.

Divisões por motivos ideológicos estavam ocorrendo em grande parte do movimento sindicalista. Os membros da FVdG, decepcionados com a liderança do KPD sob o comando de Paul Levi, saíram para se juntar à União Geral dos Trabalhadores da Alemanha (AAUD), associada aos comunistas de esquerda do Partido Comunista dos

Trabalhadores da Alemanha (KAPD), ou caíram sob a influência do anarco-sindicalista Rudolf Rocker no que se tornou a União Livre dos Trabalhadores da Alemanha (FAUD). Muitos trabalhadores da comprometida CGT francesa saíram para formar a Confederação Geral Unida do Trabalho (CGTU) e, embora a princípio dominada por anarco-sindicalistas, logo ficou sob a influência do Partido Comunista Francês (PCF). Dessa forma, após a guerra e a Revolução Russa, o movimento sindical se dividiu em três centros internacionais principais: a internacional social-democrata Amsterdam, a comunista Profintern e a anarco-sindicalista International Workers' Association (IWA). Essa última nasceu em 1922, quando sindicatos sindicalistas como a USI italiana, a FORA argentina, a FAUD alemã e (um ano depois) a CNT espanhola se uniram, dessa vez sob uma bandeira cada vez mais "comunista libertária". Entretanto, já naquela época, o movimento sindicalista estava em declínio, devido a vários fatores: o declínio da onda revolucionária, a dominação do movimento dos trabalhadores pela social-democracia, de um lado, e logo pelo stalinismo, de outro, e o surgimento de vários regimes autoritários que tentaram esmagar as organizações da classe trabalhadora e integrá-las ao Estado. O último suspiro do sindicalismo como movimento de massa foi dado na Espanha.

Com a notável exceção de alguns países anglófonos, onde o modelo da IWW era mais popular, nos anos de 1906 a 1914 o sindicalismo foi influenciado principalmente pela CGT francesa. A falência da CGT durante a guerra mudou tudo isso. Na sua ausência, foi a CNT espanhola que se tornou a principal organização da IWA anarco-sindicalista. Isso não foi imediato. Na década de 1920, a CNT foi forçada à clandestinidade devido às repressões brutais sob a ditadura de Primo de Rivera. Somente na década de 1930, com o nascimento da Segunda República Espanhola, a CNT conseguiu se reorganizar e crescer para mais de um milhão de membros, tornando-se, de longe, o maior sindicato da IWA. No entanto, já naquela época, ela foi abalada por um conflito interno entre o reformismo de Ángel Pestaña e os Treintistas, que acabaram sendo expulsos e formaram seu próprio Partido Sindicalista parlamentar, e o anarquismo insurrecional da Federação Anarquista Ibérica (FAI), que levou a CNT a uma série de revoltas localizadas em janeiro de 1932, janeiro de 1933 e dezembro de 1933, nas quais o "comunismo libertário" foi proclamado todas as vezes, mas foi esmagado pela intervenção do estado republicano alguns dias depois. As confusões desse período só se tornaram mais acentuadas com a eclosão da Guerra Civil Espanhola em 1936.

Já tratamos da Guerra Civil Espanhola com mais detalhes em outro lugar; aqui só podemos fazer um resumo. Embora os locais de trabalho autogerenciados e os coletivos rurais demonstrassem que os trabalhadores eram capazes de assumir o controle da produção, eles não podiam abolir o dinheiro e os salários isoladamente (fato que levou setores da CNT a transformar a necessidade em virtude). Esses experimentos foram dissolvidos quando o governo republicano, que não havia sido esmagado, inevitavelmente agiu contra eles. A CNT-FAI, ao se unir ao governo republicano, ao capitular politicamente ao antifascismo (ou seja, ao apoiar a Frente Popular), ajudou a desarmar a classe trabalhadora em momentos importantes. Seções da base da CNT se opuseram a isso, assim como certas vozes dentro da IWA, que denunciaram os "graves erros e traições pelos quais [a CNT-FAI] foi responsável" (Manuel Azaretto, *Pendientes Resbaladizas*, 1939). Mas, em última análise, se 1914 viu a falência da CGT francesa, 1936 viu a falência da CNT espanhola. O sindicalismo provou não estar imune a se aliar ao estado capitalista. Para nós, isso exige uma análise mais profunda do caráter dos partidos de massa e dos sindicatos na fase imperialista do capitalismo.

A crítica marxista

Não há dúvida de que as ações dos socialistas, sindicalistas e anarquistas que se aliaram aos seus próprios estados capitalistas na primeira metade do século XX representaram traições de princípios de sua parte. Entretanto, deixar isso de lado seria uma interpretação puramente idealista. Havia razões materiais reais que os levaram a esse caminho. Nos anos anteriores a 1914, os trabalhadores haviam conseguido criar seus próprios partidos de massa e sindicatos, mas esses mesmos órgãos acabaram se integrando ao Estado capitalista. Esse processo internacionalmente desigual, que começou com a introdução das primeiras leis trabalhistas e continuou com a concessão de status legal a combinações de trabalhadores, culminou com os sindicatos se tornando parte do aparato regulador e de planejamento do Estado capitalista. Como vimos acima, o sindicalismo foi tanto um produto quanto uma reação a esse fato.

A partir da década de 1890, o capitalismo, graças à sua tendência inerente de acumulação e centralização de capital, criou uma economia mundial na qual as economias nacionais passaram a competir violentamente entre si. O Estado passou a se envolver cada vez mais na produção e na distribuição, enquanto monopólios, cartéis,

sindicatos e trustes proliferavam. Os partidos de massa dos trabalhadores, a fim de sobreviver e manter seus membros e propriedades, adotaram soluções reformistas e tentaram controlar a luta de classes. Em troca, em tempos de crise, eles eram chamados a ocupar cargos no governo. Os capitalistas, que antes combatiam duramente os sindicatos, agora viam a possibilidade de usá-los para disciplinar a classe trabalhadora. O surgimento de sindicatos empresariais e estaduais, que subordinavam os interesses dos trabalhadores ao interesse nacional, foi a expressão mais pronunciada desse fato. Os sindicatos sindicalistas, com sua ênfase na ação direta e na greve geral, só conseguiram conter essa tendência por algum tempo. Eles foram esmagados e substituídos por centros sindicais nacionais rivais (como aconteceu com o IWW americano após a Primeira Guerra Mundial) ou acabaram disciplinando a própria classe trabalhadora (a CGT francesa durante a Primeira Guerra Mundial ou a CNT espanhola durante a Guerra Civil Espanhola). Após a chegada da crise na década de 1970, quando o keynesianismo foi abandonado em favor de ataques abrangentes às condições da classe trabalhadora, as leis antissindicais também foram ampliadas. Isso, apesar de abrir espaço para todos os tipos de sindicatos de "base" em setores novos ou não mais sindicalizados, não mudou o papel fundamental que os sindicatos desempenham no capitalismo.

Os marxistas revolucionários sempre deixaram claro que: 1) a revolução precisa envolver a conquista do poder político pela classe trabalhadora e 2) o papel dos sindicatos, por mais radical que seja, é regular a venda da força de trabalho e atuar como mediadores entre o trabalho e o capital. Já na década de 1860, quando os sindicatos ainda eram ilegais na maior parte do mundo, Marx fez as seguintes observações:

Os sindicatos funcionam bem como centros de resistência contra as invasões do capital. Eles fracassam parcialmente devido a um uso inadequado de seu poder. Em geral, eles fracassam por se limitarem a uma guerra de guerrilha contra os efeitos do sistema existente, em vez de tentar mudá-lo simultaneamente, em vez de usar suas forças organizadas como uma alavanca para a emancipação final da classe trabalhadora, ou seja, a abolição definitiva do sistema de salários.

Marx, Valor, preço e lucro, 1865

Naquela época, Marx acreditava que a participação dos sindicatos em um movimento político poderia ajudar a superar essas limitações. Para isso, ele defendeu a filiação deles à Primeira Internacional. Dessa forma, ele esperava que os sindicatos, que antes evitavam o engajamento político em favor de lutas econômicas locais e imediatas,

pudessem se tornar alavancas na luta da classe trabalhadora contra o poder político da classe dominante. Cerca de 40 anos depois, uma nova geração de revolucionários teve que lidar com realidades em transformação:

A ação sindical é reduzida, por necessidade, à simples defesa de ganhos já obtidos, e mesmo isso está se tornando cada vez mais difícil. Essa é a tendência geral das coisas em nossa sociedade. ... Em outras palavras, as condições objetivas da sociedade capitalista transformam as duas funções econômicas dos sindicatos [influenciar a situação no mercado de trabalho e melhorar a condição dos trabalhadores] em uma espécie de trabalho de Sísifo, que é, no entanto, indispensável. ... [No entanto, os sindicatos são totalmente incapazes de transformar o modo de produção capitalista.

Rosa Luxemburgo, Reforma ou Revolução, 1900

Em resposta à ala reformista da social-democracia, que buscava uma transição gradual para o socialismo por meio da expansão da democracia parlamentar, das cooperativas e dos sindicatos, os marxistas revolucionários reconheceram que isso resultaria em uma acomodação gradual ao capitalismo. Quando a Primeira Guerra Mundial viu os partidos de massa e os sindicatos adotarem a *Burgfriedenspolitik* e a *Union Sacrée*, foram as organizações que não puderam estabelecer uma existência relativamente confortável dentro do capitalismo, que tinham um número relativamente pequeno de membros e pouca ou nenhuma propriedade, que realmente se mantiveram fiéis aos seus princípios internacionalistas. A onda revolucionária iniciada na Rússia acabou fracassando, e a esquerda comunista teve de refletir criticamente sobre os motivos, bem como sobre as mudanças que estavam ocorrendo no capitalismo. Nossos ancestrais políticos começaram a criticar a ideia de criar partidos de massa e não viam mais os sindicatos como "escolas de socialismo":

... na fase atual da dominação totalitária do imperialismo, os sindicatos são uma ferramenta indispensável dessa dominação, na medida em que até mesmo perseguem objetivos que correspondem aos objetivos da burguesia para sua própria preservação e guerra. Portanto, o partido rejeita a falsa perspectiva de que essas organizações poderiam, no futuro, cumprir uma função proletária, de modo que o partido teria de fazer uma reviravolta e adotar uma posição de conquista de posições dentro de sua liderança.

Plataforma política do Partido Comunista Internacionalista, 1952

Para nós da ICT, é a auto-organização da luta que hoje serve como a verdadeira "escola do socialismo". Isso não significa que rejeitamos completamente a filiação a sindicatos, que é uma questão tática, mas nos recusamos a aceitar qualquer posição dentro do

oficialismo sindical e, seja dentro ou fora dos sindicatos, sempre defendemos ir além da estrutura limitadora do sindicalismo. A era dos partidos de massa e dos sindicatos como ferramentas de desenvolvimento da consciência de classe chegou ao fim.

Hoje em dia, os sindicatos sindicalistas, apesar de estarem, sem dúvida, mais espalhados geograficamente do que nunca, são uma sombra do que eram antes. Os maiores, geralmente com reconhecimento legal e menos ênfase no anarquismo (geralmente usando os rótulos sindicalista revolucionário ou sindicalista industrial), têm no máximo alguns milhares de membros. Outros, geralmente sem reconhecimento legal e mais ideologicamente anarquistas (geralmente usando o rótulo anarco-sindicalista), foram reduzidos principalmente a grupos de propaganda com pouca presença no local de trabalho. Ao longo dos anos, essa contradição entre aceitar mais trabalhadores no sindicato, independentemente de sua posição política, e aceitar apenas os trabalhadores que concordam com determinados princípios anarquistas, resultou em muitas divisões. Consequentemente, o movimento sindicalista internacional está dividido em três polos organizacionais: a IWA anarco-sindicalista, relançada em 1951; uma cisão da IWA em 2018 chamada Confederação Internacional do Trabalho (ICL), que se autodenomina revolucionária e anarco-sindicalista; o que restou da IWW, sindicalista industrial, cujas filiais agora se juntaram à ICL. Além disso, a natureza federalista desses grupos, combinada com uma aversão arraigada a abordagens políticas programáticas, significa que um ramo da mesma organização pode expressar pontos de vista contraditórios com outros ramos, mesmo em questões cruciais como o internacionalismo.

Em resposta a essas contradições, alguns anarco-sindicalistas tentaram reorientar sua atividade para longe das tentativas de criar órgãos econômicos permanentes, a ponto de questionar até mesmo o significado de um "sindicato". Por exemplo, em um debate interno na Solidarity Federation, a seção britânica da IWA, encontramos o seguinte argumento:

Para nós, um sindicato revolucionário é necessariamente não permanente porque é a expressão de uma determinada onda de luta de classes. Ele não pode sobreviver à luta da qual é uma expressão sem se tornar algo fundamentalmente diferente, algo contrarrevolucionário, precisamente porque os sindicatos anarco-sindicalistas são definidos pela participação militante, ação direta, solidariedade e controle de base. A forma específica que esses sindicatos assumem é a de assembleias de massa abertas a todos os trabalhadores (menos os

fura-greves e os gerentes) e delegados com mandato revogável que formam conselhos de delegados para coordenar a luta.

Strategy & Struggle (Estratégia e Luta), Brighton Solidarity Federation (Federação de Solidariedade de Brighton), 2009

Aqui, o "sindicato revolucionário" é simplesmente usado como sinônimo de comitês de greve, assembleias de massa ou conselhos de trabalhadores. Essa perspectiva acabou sendo repudiada na Federação Solidária porque, citamos, ela "rejeita a ideia de sindicatos revolucionários" em favor da "ideia marxista de organização espontânea da classe trabalhadora" e faria com que um grupo anarco-sindicalista "se assemelhasse a uma organização comunista de conselho". No entanto, esse é exatamente o tipo de pergunta que os sindicalistas, aqueles que refletiram sobre o papel dos sindicatos no século passado e não querem repetir os erros do passado, deveriam estar se fazendo.

Para concluir, nossas diferenças com o sindicalismo histórico e moderno podem ser resumidas da seguinte forma:

- Na medida em que "ação direta" é sinônimo de auto-organização da classe trabalhadora, não temos objeções. No entanto, quando hoje em dia ela geralmente significa ativismo voluntarista, uma tentativa de minorias políticas de transcender artificialmente o nível real da luta de classes, é aí que nos separamos. Também não temos nenhum fetiche especial pela greve geral, que é apenas um episódio da luta de classes.
- Embora reconheçamos que locais de trabalho autogerenciados possam surgir no decorrer da luta de classes, rejeitamos a noção de que ilhas de autogestão possam ser construídas gradualmente sob o capitalismo como um passo em direção ao comunismo. Continua sendo verdade que a classe trabalhadora não pode simplesmente tomar a fábrica, ela precisa tomar o poder para abrir caminho para a transformação social e econômica da sociedade.
- O papel que os sindicatos sindicalistas atribuíam a si mesmos, o de unir trabalhadores de diferentes convicções políticas e de diferentes setores em uma única organização revolucionária, terá de ser desempenhado por órgãos de toda a classe (comitês de greve, assembleias de massa ou conselhos de trabalhadores) que surgem em momentos excepcionais da luta de classes. Hoje, por "conquista do poder político", entendemos o processo de esmagamento do Estado capitalista e a substituição de suas estruturas por esses novos órgãos de classe,

em vez de sindicatos (que são sempre limitados por seus membros e vinculados à lógica da mediação entre o trabalho e o capital).

Por fim, embora consideremos indispensável a união dos trabalhadores como uma classe para si mesma, isso não é suficiente: os revolucionários precisam trabalhar ativamente para a promoção de perspectivas genuinamente comunistas e internacionalistas. A organização política, ou futura internacional, que estamos tentando construir deve ser capaz de apresentar um programa político coerente dentro da classe trabalhadora mais ampla. Essa organização política não pode ser um governo em espera nem um substituto para o próprio Estado (como os partidos de massa e alguns sindicatos sindicalistas se consideravam no passado); ela deve permanecer como um ponto de referência revolucionário em todos os altos e baixos da luta de classes.

Organização Comunista dos Trabalhadores de Dyjbas

Dezembro de 2022

Algumas leituras adicionais:

- Nosso livro, [Russia: Revolution and Counter-Revolution, 1905-1924 - A View from the Communist Left](#), e o panfleto [Spain 1934-39: From Working Class Struggle to Imperialist War \(Da luta da classe trabalhadora à guerra imperialista\)](#), resumem nossa análise dos fracassos de 1917 e 1936. Sobre como entendemos a relação entre o partido e a classe, consulte Class [Consciousness and Revolutionary Organisation \(Consciência de classe e organização revolucionária\)](#).
- Os anarco-sindicalistas escreveram suas próprias histórias. Para uma perspectiva moderna, veja os trabalhos de Vadim Damier; para uma exposição anterior, veja Rudolf Rocker. Alguns trabalhos acadêmicos, como os editados por Marcel van der Linden e Wayne Thorpe, fornecem uma história mais inclusiva (ou seja, não apenas anarquista) dos sindicatos sindicalistas.